

Declaração Criticando o “Ethnobotanical Stewardship Council (ESC)” (*)

Nós, acadêmicos e outros especialistas abaixo-assinados, manifestamos publicamente nossa rejeição em relação aos métodos e objetivos do ESC. A declaração que se segue foi tornada pública após mais de um ano de “diálogos” e correspondências com o ESC, na medida em que entendemos que nossas preocupações e colocações não foram respondidas de maneira adequada.

As informações abaixo são fruto de uma reflexão baseada nas informações e materiais do ESC disponíveis *on-line*, em postagens, em declarações públicas e entrevistas, e de cartas privadas e *e-mails* trocados entre nós. Todas as informações são fundamentadas em citações fiéis dessas fontes, ainda que elas tenham sido em sua maior parte suprimidas por questão de espaço. O ESC acaba de concluir uma campanha onde arrecadou US\$ 90.000,00 para introduzir o uso da ayahuasca em um sistema de “certificação” orientado para o mercado, baseado em discursos de “segurança” e “sustentabilidade”. Acreditamos que, em vez de assegurar a sustentabilidade da ayahuasca e a segurança daqueles que a usam, o ESC está na verdade denegrindo tal sustentabilidade e práticas envolvidas no uso desta substância, e que algo precisa ser feito urgentemente sobre isso. Nossas razões são as seguintes:

1. Táticas de Campanha Alarmistas.

“A reputação da ayahuasca, hábitos, estado legal e as próprias tradições de cura estão todas em jogo”

Para justificar a necessidade de um processo de certificação, o ESC promove uma campanha de arrecadação de fundos baseada no medo, tornando implícito em suas colocações que o uso da ayahuasca resulta em uma alta incidência de acidentes, estupros e morte; que as plantas envolvidas no preparo da ayahuasca estão a ponto de desaparecer e que existe uma falta de regulamentação em todo este processo. Suas estratégias tem incluído o uso de um vídeo onde a vítima de um estupro demanda que algo seja feito, juntamente com a afirmação de que o ESC está efetivamente fazendo algo, e deixando implícito que o ESC está envolvido em pesquisas científicas e no tratamento de pessoas, quando na verdade não está. Ainda que certamente surjam questões de segurança que necessitam, sim, de uma resposta fundamentada, o escopo geral da campanha está bastante exagerado. Além disso, a proposta de “intervenção” do ESC é desproporcional em relação às evidências disponíveis em relação a qualquer desses pontos.

2. As alegações de falta de segurança, destruição dos modos tradicionais de controle e a falta de regulamentação podem fazer com que os governos dos países da América do Sul proíbam o uso da ayahuasca.

Nenhum governo dos países sul-americanos que compartilham a Amazônia pensam em proibir o uso da ayahuasca: o discurso embasado em questões de saúde e segurança é, em grande medida, estrangeiro e importado. Tradicionalmente, a ayahuasca é considerada uma “medicina tradicional indígena” ou “uma doutrina espiritual” e uma expressão legítima de conhecimento nativo ou liberdade religiosa. Existem muitas formas tradicionais de regulação do uso da ayahuasca na Amazônia advindas das bases das próprias comunidades que estão em pleno funcionamento. Existem também modos formais de controle em alguns lugares, como as regulamentações adotadas no Brasil, Peru, Colômbia etc.

3. Falta de Representação Indígena

O ESC afirma estar incluindo todas as vozes em um “diálogo”. Na verdade, não existe nenhum representante indígena envolvido neste processo, e mesmo que houvesse, a questão de quem tem o direito de representar outros é extremamente problemática, na medida em que a liderança nas comunidades é um processo coletivo.

Da mesma forma, não há especialistas envolvidos que tenham uma experiência substancial com grupos indígenas específicos, nenhuma ONG ou instituições baseadas na Amazônia, nem laços históricos de proximidade com nenhuma comunidade em particular. Além disso, nenhum dos materiais disponíveis *on-line* foi traduzido para o espanhol ou o português, que dirá para as línguas indígenas dos “interessados” que não falam inglês; os materiais nos web sites “Ayahuasca Dialogues” (“*Diálogos da Ayahuasca*”) e o “Health Guide” (“*Guia de Saúde*”) estão disponíveis apenas em inglês.

A alegação de que este projeto é movido a partir “de baixo”, ou seja, a partir da iniciativa das comunidades, dá a entender que ele surgiu organicamente de pessoas oriundas dessas comunidades, atuando sobre questões importantes para suas empreitadas, alinhadas com suas próprias filosofias. Na realidade, essa é uma iniciativa com orientações abertamente ocidentais, movendo-se a partir de “cima”, no modelo de projetos de desenvolvimento ingênuos que têm causado danos irreversíveis para comunidades tradicionais e rurais. Uma intervenção na escala em que o ESC planeja demanda uma assessoria de amplo impacto *antes* que algo seja efetivamente feito.

4. Promoção de segurança, “remoção de feitiçaria” e certificação de centros de retiro de ayahuasca e de xamãs.

O ESC tem alegado publicamente que “garantirá que as pessoas não serão objeto de feitiçaria”, revelando assim que não possui nenhum entendimento nem sensibilidade cultural em relação à importância do segredo, da feitiçaria e da invisibilidade, nem em relação aos modos informais, sociais e tradicionais de controle. Feitiçaria é – entre outras coisas – uma forma de regulação local onde desigualdade e inveja podem gerar acusações de feitiçaria. O ESC pretende trocar o complexo “moralmente ambíguo” de cura/bruxaria na Amazônia por uma regulamentação de mercado. “Monitorar” a ayahuasca, através da certificação de centros, da mesma forma que produtores de produtos da floresta são certificados, é totalmente inapropriado para o xamanismo indígena.

As cosmologias indígenas também conceitualizam doença e saúde de forma diferenciada. O projeto do ESC de “modernização” e “sanitização” dos usos indígenas da ayahuasca ameaçam criar uma desnecessária burocratização imposta segundo os modelos ocidentais, assim como uma profissionalização e institucionalização da medicina tradicional. Os centros que porventura não desejem adotar a intervenção e normas externas não seriam certificados, sendo criada assim uma via de discriminação.

5. Orientação para o mercado, linguagem comercial e promoção do turismo da ayahuasca.

A estética e o vocabulário do ESC são oriundos de uma visão neoliberal de mercado, empregando termos e conceitos como “incentivos”, “custo efetivo”, “competitividade”, “disponibilidade para pagar”, “cadeia de valor”, “acionistas” etc. Afirmamos que no passado todas as práticas relacionadas à ayahuasca têm operado fora de uma abordagem ocidental orientada para o mercado, e que atualmente os ocidentais não são os únicos participantes no universo dessas práticas.

O ESC afirma que todas as vilas indígenas na Amazônia deveriam ter a chance de desenvolver um turismo baseado na ayahuasca, e que este turismo da ayahuasca, o capitalismo e o desenvolvimento são perfeitamente compatíveis. Além disso, assume que promover a viagem para a Amazônia de pessoas que buscam a ayahuasca não aumentará as desigualdades econômicas que já existem no contexto amazônico. Discordamos profundamente disto, e entendemos que o projeto neoliberal do ESC não é nem pertinente nem necessário, segundo a perspectiva dos povos nativos da Amazônia que serão afetados. Tal aproximação irá necessariamente prejudicar o contexto orgânico local e filosofias que têm existido por muitos séculos fora das demandas, dominação e imposições do ocidente.

6. Alegação da conservação e proteção das plantas envolvidas no preparo da ayahuasca para evitar o seu desaparecimento.

O ESC tem alegado que as plantas envolvidas no preparo da ayahuasca estão em risco de desaparecer devido ao consumo e comércio, e que o ESC assegurará a sua conservação. Nem o *Banisteriopsis caapi* nem a *Psychotria viridis* são citadas na CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção). Ambas as plantas são cultivadas em todo o Brasil, assim como em novas e vibrantes cenas da ayahuasca em outros países e continentes. Existem outras iniciativas similares na Amazônia peruana, onde existem alguns jardins botânicos que coletam espécies diversas, assim como pequenos projetos de plantação de yagé e chagropanga na Colômbia, bem como jardins domésticos no Equador.

Da mesma forma, é importante lembrar que existe um circuito tradicional de troca de plantas que pode ser prejudicado por iniciativas exógenas. Assim, tudo isso envolve questões profundamente complexas e interculturais. As maiores forças responsáveis pela devastação da Amazônia são a indústria madeireira, os empreendimentos do agronegócio, grandes companhias farmacêuticas e padrões internacionais de consumo material, e não o consumo individual da ayahuasca ou seu comércio.

Ainda que possua esse nome, o ESC não possui conhecimento de etnobotânica, nem está engajado em pesquisas realizadas em universidades, demonstra ter pouca familiaridade com as pesquisas científicas realizadas atualmente nessas áreas, e não possui nenhum plano concreto para promover a conservação ou a biodiversidade da ayahuasca. A ayahuasca não é como outros produtos medicinais oriundos de plantas. Ela está profunda e fundamentalmente imersa em tradições xamânicas de cura, que são, por sua vez, parte de sistemas rituais e simbólicos complexos que se espalham por toda a América do Sul.

7. Falta de evidência científica e rigor.

Por exemplo, o ESC tem repetidamente anunciado que 100.000 pessoas visitam a Amazônia por ano em busca de ayahuasca, sem fornecer uma evidência sólida dessa afirmação. Essa estimativa duvidosa é anunciada para dar suporte à sua campanha urgente de levantamento de fundos baseada no medo. O “Health Guide” e o “Dialogue Report”, frequentemente citados publicamente como fontes de informação, não foram criados por especialistas credenciados, estão repletos de incorreções factuais e não trazem nada de novo ao debate público. São materiais promocionais, usados para justificar a existência do ESC.

8. Representação problemática de especialistas no campo.

O ESC dá palestras e entrevistas públicas ao redor do mundo, posicionando-se como uma “instituição especializada”, mas não tem aceitado a oferta de apoio feita por especialistas, e parece desconhecer os debates já existentes. Da mesma forma, ninguém em sua equipe

conduziu qualquer trabalho de campo substancial na América do Sul. Há também uma clara ignorância de fatores básicos antropológicos, sociológicos e outros pertinentes à região amazônica. A participação do ESC nas conferências sobre psicodélicos e fóruns de comunidades são amplamente plataformas para levantamento de fundos.

9. Mudança de discurso, falta de planos claros, objetivos irreais.

A despeito de sua forte campanha de levantamento de fundos, da visibilidade na mídia e da retórica, o ESC parece confuso sobre sua missão, seu foco, escopo e orientação – o que quer fazer e como. O ESC tem uma natureza mutante, como um camaleão. Sua estratégia para “diálogo” é capturar e incorporar as críticas, sem que faça mudanças efetivas e substanciais. Várias afirmações feitas publicamente foram depois negadas, tais como a alegação de ser capaz de proteger as pessoas contra feitiçaria, ou que esses eram “planos prévios, já abandonados”, evidenciando sua falta de clareza.

O escopo de atuação do ESC abrange conservação, política e regulamentação no Peru e outros países, medidas antifeyiçaria, promoção do desenvolvimento, facilitação do turismo etnomédico e peregrinações, garantia de segurança e uma distribuição justa de proventos oriundos do estrangeiro, verificação do que ocorreu de errado em caso de acidentes, implementação de mecanismos contra situações de desamparo, prevenção de abuso sexual, levantamento de participantes e centros de certificação em diferentes cidades e vilas por todo o Peru, Equador e Colômbia. Planejam estender seus métodos e modelos para o consumo de iboga e peiete e, possivelmente, para a maconha, o kraton, a kava e os cogumelos mágicos. Essas pretensões são imensas, irreais e profundamente problemáticas.

10. Falta de transparência sobre benefícios financeiros.

Não está claro que cobranças serão feitas para a certificação ou outros serviços, se isto se dará através da doação voluntária dos centros e outros provedores, e como isto reverterá em salário de funcionários e fundos para fazer funcionar a própria organização. Ainda que o ESC seja uma organização sem fins lucrativos, precisará de fundos para operar e projetos importantes e viáveis precisam ser definidos para justificar sua infraestrutura. Da mesma forma, ainda não foram realizados anúncios públicos de como as doações públicas foram utilizadas até o momento.

11. Retórica sobre as ideias de “diálogo” e “comunidade”.

O ESC afirma que possui suas bases “nas comunidades”, que “cresceu a partir de preocupações da comunidade”, que é baseado na “participação voluntária”, e que promove um “diálogo”. Essa é uma retórica vazia, que não está sintonizada nem com especialistas nem com as comunidades indígenas. O ESC permanece sem fornecer uma resposta para nossas preocupações em relação à forma como o “selo de aprovação” irá prejudicar as vilas e centros que não estiverem interessados em adotar essa ideia. A falta de experiência concreta do ESC é evidente, o viés etnocêntrico de seu projeto é alarmante e a afirmação de que eles sabem melhor do que as populações nativas como administrar a ayahuasca é infundada.

O ESC não possui em seu quadro um número suficiente de especialistas no campo, nem líderes de comunidades amazônicas. Nenhum dos membros do seu grupo de fundadores vive na Amazônia, nem tiveram qualquer tipo de experiência prolongada nessa área. O Diretor Executivo utilizou a ayahuasca pela primeira vez em 2013 e tem pouca experiência com ela. Além disso, o ESC tem repetidamente rejeitado o conselho dos especialistas, e têm descrito os grupos de especialistas que possuem larga experiência nesse campo e que estão lhes fazendo forte oposição como “uma voz minoritária”. Aliado a esta “voz minoritária” está uma longa

lista de cientistas e de conhecedores locais que têm, desde o começo, se recusado a legitimar o plano ingênuo do ESC com seu apoio, assim como todos os conselheiros que deixaram a organização alarmados com o que viram. Assim, podemos facilmente concluir que o ESC é que é a voz minoritária.

12. Apropriação indevida da voz da ayahuasca.

O ESC tem se colocado como um representante direto da ayahuasca com postagens no Tweeter como “agora é o tempo de dar um retorno à ayahuasca”. Mas, será?

Conclusão

A missão de “transformar a vida de pessoas por toda a cadeia de valores da ayahuasca, desde as pessoas que bebem ayahuasca até as pessoas que cultivam e oferecem cerimônias” é extremamente problemática em muitos sentidos. Nosso posicionamento de não fornecer suporte ao ESC não reflete o desejo de não discutir os fatos. Muito pelo contrário, ela é resultado de uma extensa discussão com o ESC, e reflete, sim, nossas preocupações em relação ao modo como o ESC afetará prejudicialmente as comunidades na busca de objetivos mal concebidos.

A questão fundamental permanece: que direito o ESC possui de impor normas ocidentais, hegemônicas, neoliberais sobre comunidades da América do Sul das quais não possui um entendimento detalhado?

Insistimos fortemente que seu *staff* direcione suas habilidades para a educação de estrangeiros que estejam interessados na ayahuasca, e que deixem o controle da ayahuasca para aqueles que possuem atrás de si várias gerações de conhecimento.

21 de dezembro de 2014. Assinam:

Dr. Brian Rush, Universidade de Toronto, Líder do Projeto “Ayahuasca Treatment Outcome Project” (ATOP).

Dra. Beatriz Labate, Antropóloga, NEIP, Pesquisadora da Ayahuasca, Brasil/México

Dra. Daniela Peluso, Antropóloga, Especialista sobre Amazônia

Danny Nemu, Psychedelic Press, Reino Unido

Dra. Clancy Cavnar, Psicóloga, NEIP, coeditora do livro “Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond”

Alex Gearin, Doutorando em Antropologia pela Universidade de Queensland, Austrália

Dr. Matthew Meyer, Antropólogo, NEIP

Dena Sharrock, Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Newcastle, Austrália

Dr. Brian Anderson, Médico, Universidade da Califórnia em São Francisco, NEIP

Dr. Marcelo S. Mercante, Antropólogo, NEIP, Pesquisador da Ayahuasca, ATOP, Brasil

Celina De Leon, Posada Natura, Costa Rica, ATOP

Dr. Stanley Krippner, Saybrook University, Estados Unidos

Eleonora Molnar, Canadá

Dr. Anja Loizaga-Velder, Neirika, México, ATOP

Gretel Echázu, Doutoranda em Antropologia, Universidade de Brasília, NEIP

Dra. Alhena Caicedo, Antropóloga, Universidade de los Andes, Colômbia

Dr. Edward MacRae, Antropólogo, ABESUP, NEIP, CDETAD, Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Miguel Alexiades, PhD in Plant Sciences, specialist in Amazonian Ethnobotany, Senior Lecturer in Ethnobotany and Conservation, School of Anthropology and Conservation, University of Kent, U.K.

Didier Lacaze, Associate, People and Plants International (PPI), Director, Centro Sacha Warmi, Ecuador

Gayle Highpine, MA, Researcher, Ayahuasca Forums moderator

Giovanna Micarelli, PhD, Associate Professor, Anthropology Department, Pontificia Univerisdad Javeriana, Amazonian specialist, Colombia

Françoise Barbira Freedman, PhD, Department of Anthropology, Cambridge University, Amazonian specialist

José Eliézer Mikosz, PhD in Human Sciences, UFSC, UNESPAR, NEIP, Brazil

Anne Marie Losonczy, anthropologist, Director of Studies at EPHE-Sorbonne-CERMA-EHESS, Paris

Emily Caruso, PhD, Amazonian Anthropologist, Ashaninka, Peru and Regional Programmes Director, Global Diversity Foundation.

Oscar Espinosa, Associate Professor, Pontificia Universidad Católica del Perú, Amazonia, Peru

Jean-Pierre Chaumeil, PhD, Amazonian specialist, Centre EREA CNRS-Université Paris Ouest Nanterre

Louis Forline, PhD, Dept. of Anthropology, University of Nevada, Reno

Francoise Morin, Professeur Emérite Université Lyon 2, France, Amazonian specialist, Shipibo-Konibo, Peru

Stephanie W. Aleman, Research Associate in Anthropology and Ethnobotany, University of

Florida; Lowland South Americanist specialist

Manuel Arroyo-Kalin, PhD in Archaeology (Cambridge), Amazonian specialist, University College London (UCL)

Renato Athias, Director of the Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE/UFPE), anthropologist, Lowland South American specialist

Ellen B. Basso, Professor Emerita, University of Arizona, Anthropology Department, Lowland South Americanist specialist

Stephen Beckerman; Associate Professor Emeritus, The Pennsylvania State University; Visiting Professor, The University of Utah; specialist in lowland tropical forest peoples of South America, particularly the Bari of Colombia and Venezuela and the Waorani of Ecuador

Beverly Bennett, Ph.D., Full-Time Faculty Member, Anthropology, Wright College, Chicago, Illinois, USA, Amazonian specialist, Madre de Dios, Peru
Juan Alvaro Echeverri, Professor, Universidad Nacional de Colombia, Amazonia Campus, Amazonian specialist, Witoto, Colombia

Philippe Erikson, PhD, Amazonian specialist, Université Paris Ouest Nanterre, France

Christian Frenopoulo, PhD, MPH. Anthropologist. Universidade Federal do Acre, Brazil

Jorge Gasché Suess, anthropologist and linguist, researcher, Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana, Iquitos, Peru

Søren Hvalkof, Amazonian Specialist, Ashéninka, Peru and Brazil, land rights and political ecology. Senior anthropologist, NORDECO – Nordic Agency for Development and Ecology; Programme Advisor Rainforest Foundation UK.

Jean E. Jackson, Professor of Anthropology Emeritus, Massachusetts Institute of Technology (MIT), Lowland South Americanist specialist

Esther Jean Langdon, CNPq Researcher, Universidade Federal de Santa Catarina, Amazonian specialist, Siona, Colombia

Marc Lenaerts, PhD Professor in Anthropology, Université Libre de Bruxelles (Belgium), Ashéninka specialist, Amazon

Erik Levin, PhD Candidate, Anthropology and Linguistics, University of Chicago, Amazonian specialist

Stephen Nugent, Professor of Anthropology, Goldsmiths, University of London. Amazonianist specialist

Carlos D. Londono Sulkin, Professor, University of Regina (Canada), Amazonian specialist, with emphases on Muinane (Colombia) and issues of morality.

Donald Pollock, Associate Professor, University at Buffalo, Amazonia Specialist

Harald E.L. Prins, Distinguished Professor of Anthropology, Kansas State University, Amazonianist specialist

Elizabeth Ann Rahman, Medical Anthropologist and Amazonian Specialist, Post-doctoral Research Associate, University of Oxford

Dan Rosengren, Senior lecturer, Associate Professor, School of Global Studies, University of Gothenburg, Sweden. Amazonian specialist, Matsigenka, Peru.

Juan Pablo Sarmiento Barletti, Lecturer in Anthropology, Durham University. Amazonian specialist, Ashaninka people (Peru).

Robin M Wright, Ph.D., Professor, Department of Religion & Affiliate Professor of Anthropology; Latin American Studies, American Indian & Indigenous Studies Program Coordinator University of Florida Gainesville

Hanne Veber, Ph.D. Senior Researcher, University of Copenhagen, Dept. of Cross-Cultural and Regional Studies, Denmark. Amazonian specialist, Asháninka, the Upper Amazon.

Pirjo Kristiina Virtanen, PhD, Latin American Studies, Department of World Cultures, University of Helsinki, Finland. / Centre EREA, Université Paris Ouest Nanterre, France

Mauro William Barbosa de Almeida, Ph.D. (University of Cambridge 1993, "Rubber Tappers of the Upper Jurua River") Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), (Amazon specialist; conservation expert; has supervised Ph.D. dissertations on Ayahuasca usage in Amazonia and in São Paulo)

Joaquin Carrizosa, Darrell Posey Fellow, International Society of Ethnobiology; Colombian Amazon

Anna Luisa Daigneault, M.Sc. Specialist in Amazonian ethnolinguistics

Paolo Fortis, Lecturer in Social Anthropology, Durham University. Amerindian anthropology, Guna, Panama.

Jonathan D. Hill, Professor, Department of Anthropology, Southern Illinois University, Lowland South Americanist.

Stephen Hugh-Jones, Fellow in Social Anthropology, University of Cambridge, Lowland South Americanist

Gabriele Herzog-Schröder, Professor, Institut für Ethnologie LMU München, Lowland South Americanist

Minna Opas, Postdoctoral Researcher, University of Turku, Finland, Amazonian Specialist, Yine, Peru

(*) Publicado originalmente em: Rush, Brian *et al* (Dec 21, 2014). Statement Critiquing the Ethnobotanical Stewardship Council (ESC). *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos – NEIP*. Disponível em:

http://www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=1569